

CORREIO ECONÔMICO



O 2º melhor resultado da série não explica déficit fiscal

Arrecadação de novembro é a 2ª maior da série (R\$ 209,2 bi)

Segundo maior resultado para o mês, da série histórica, a arrecadação federal totalizou R\$ 209,2 bilhões em novembro, conforme divulgou, nessa terça-feira (7), a Receita Federal, ao revelar que tal montante representa uma elevação real de 11,21% para igual mês de 2023, quando foi arrecadado chegou a R\$ 188,1 bilhões. O número de novembro último só não é maior do que o de

outubro, quando atingiu R\$ 247,9 bilhões.

Se contabilizado o acumulado de 2024, até novembro, a arrecadação somou R\$ 2,4 trilhões, o que corresponde ao maior valor da série histórica, uma vez que, em igual período de 2023, o total foi de R\$ 2,2 trilhões. Já as receitas administradas pela Receita totalizaram R\$ 203,1 bilhões em novembro do ano passado.

Sem meta

Em que pese a busca federal pela meta de déficit zero nas contas públicas no ano passado, o fato é que, levando em conta as regras do arcabouço fiscal, o Executivo deve apurar, em 2024, um déficit de até 0,25% do PIB (Produto Interno Bruto), cerca de R\$ 27,5 bilhões.

Sem animação

Nem mesmo o dado da Receita, de que a arrecadação do PIS/Pasep e Cofins de R\$ 46 bilhões – alta real de 19,23% – é animador, pois a maior chance de fechar 2025 em déficit, tendo em vista o crescimento maior de gastos do que de receitas pelo Planalto.

Reprodução Toro Investimentos Blog



Índice superou em quase 50% IPCA do ano passado

IGP-DI apresenta variação acumulada de 6,86% em 2024

Ligeiro recuo, mas ainda em patamares elevados, apresentou o IGP-DI (Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna de dezembro, que avançou 0,87%, pouco abaixo de 1,18% em novembro, o que resulta em uma variação acumulada de 6,86% em 2024, segundo informou, nessa terça-feira (6), a Fundação Getúlio Vargas

(FGV). Apesar disso, o resultado do indicador, no último mês do ano passado, continuou no intervalo das previsões do mercado financeiro (entre 0,62% e 0,98%), com mediana de 0,80%, segundo instituições ouvidas pelo Projeções Broadcast. No atacado, o IPA-DI subiu 1,08% em dezembro, aquém de 1,66% de novembro.

Contraste

Já o indicador que mede a evolução dos preços de varejo, o IPC-DI, subiu 0,31% em dezembro, em contraste com o recuo de 0,13%, do mês anterior. O INCC-DI – índice dos preços na construção – cresceu 0,50% em dezembro, acima da alta de 0,40% em novembro.

Atacado

Os aumentos de preços no atacado foram apontados pela FGV como o fator da alta de 6,86% em 2024, em contraponto à deflação de 3,30%, em 2023.

No acumulado de 2024, o IPA-DI somou 7,72%, o exato inverso da deflação de 5,92% do indicador em 2023.

IVAR

Acentuando a queda de novembro, o Índice de Variação de Aluguéis Residenciais (IVAR) de dezembro de 2024 recuou 1,28%, reduzindo a variação acumulada em 12 meses para 8,63% em dezembro de 2024. O 12 ponto percentual menos em relação aos 8,75% do mês anterior.

Duas capitais

Em duas das quatro capitais brasileiras, o IVAR registrou queda, de novembro para dezembro de 2024. No Rio de Janeiro, o índice saiu de 3,95% em novembro para uma queda de -5,90% em dezembro. Em São Paulo, este foi de -1,87% para -2,07%, no mesmo comparativo.

Terceiro trimestre de 2024 teve déficit de 1,41% do PIB

Apesar de dado negativo, Fazenda vê avanço no acumulado desse ano

Por Marcello Sigwalt

Composto por déficit de 1,16% do governo central (União), 0,16% dos governos regionais (estados e municípios) e de 0,09% das estatais, o resultado fiscal estrutural de 2024 do setor público consolidado apresentou déficit de 1,41% do Produto Interno Bruto (PIB) até o terceiro trimestre de 2024 (3T24). Os dados foram divulgados, nessa terça-feira (7), pela Secretaria de Política Econômica do Ministério da Fazenda.

A subsecretária de Política Fiscal da Secretaria de Políticas Econômicas do Ministério da Fazenda, Débora Freire, admitiu que, “desde 2015, governos regionais contribuem positivamente para o Resultado Fiscal Estrutural. No entanto, até 2022. Em 2023 e em 2024, os governos regionais têm contribuído negativamente. Tem piorado o déficit do Resultado Fiscal Estrutural”. Com exceção de 2015 e 2021, o setor público consolidado vem apresentando déficit fiscal estrutural recorrente desde 2013.



Fábio Rodrigues-Pozzebom/Agência Brasil

Executivo federal ainda conta com melhoria fiscal, no resultado consolidado de 2024

rente desde 2013.

Ao avaliar em detalhe o resultado, a subsecretária da Fazenda comenta que “em relação a 2021, é importante ressaltar que o superávit fiscal estrutural é inteiramente devido ao resultado dos governos regionais [...] Em 2022, temos um Resultado Fiscal Estrutural negativo, que se aprofunda em 2023

dada a Proposta de Emenda à Constituição da Transição”.

Sem considerar eventos fiscais não recorrentes em sua metodologia (despesas e receitas extraordinárias), o resultado fiscal estrutural decorre da retirada do resultado primário do setor público consolidado abaixo da linha (o resultado fiscal convencional ou observa-

do), o efeito cíclico derivado do nível de atividade econômica, das flutuações do preço internacional do barril de petróleo e do minério de ferro.

No que toca ao resultado consolidado de 2024, a expectativa do Ministério da Fazenda é de que haja consolidação fiscal, em ‘maior magnitude’, do que a apresentada em 2023.

Preços industriais exibem alta de 1,23%

Por Marcello Sigwalt

Nem inflação, nem juros, os preços da indústria nacional registraram nova alta, a décima seguida, ao subirem 1,23% em novembro, ante o mês anterior, aponta o Índice de Preços ao Produtor (IPP), que agora acumula alta de 7,59% em 12 meses – maior resultado, desde setembro de 2022 (9,84%) – acumulando variação anual de 7,81%. Em contraste, em

novembro do ano passado, a variação foi de -0,34%.

Confirmando a tendência ascendente do indicador, em novembro do ano passado, 18 das 24 atividades industriais pesquisadas exibiram avanços, se comparadas com outubro, quando 15 atividades igualmente cresceram ante setembro. Os dados foram divulgados hoje (7) pelo IBGE.

Na avaliação do gerente do IPP, Alexandre Brandão, “o re-

sultado do IPP em novembro, com a décima alta consecutiva, intensifica o índice positivo visto em outubro (0,97%). Isso, em grande parte, é consequência da dinâmica dos preços de alimentos. No acumulado no ano, por exemplo, esse setor responde por 2,93 p.p., em 7,81%, e no acumulado em 12 meses, por 2,98 p.p. em 7,59%. Nesses casos, assim como na comparação mensal, foi a atividade mais influente”.

Entre os segmentos que mais contribuíram com o resultado geral: alimentos (0,53 p.p.), metalurgia (0,24 p.p.), indústrias extrativas (0,09 p.p.) e refino de petróleo e biocombustíveis (0,09 p.p.). Em variação, predominaram: metalurgia (3,62%), outros equipamentos de transporte (2,74%), equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (2,56%) e fumo (2,41%) foram os destaques em novembro.

Ao subir 0,95%, bolsa bate 121 mil pontos

Reprodução site abrir.org



Bolsa esboça recuperação, após 'tombo' no final do ano

O Ibovespa deu sequência à recuperação, em alta perto de 1% no fechamento nesta terça (7), após ter encerrado a primeira semana do ano no menor nível desde novembro de 2023, aos 118,5 mil pontos. Hoje, oscilou dos 120.022,23 aos 121.713,23 pontos, e terminou o dia com ganho de 0,95%, aos 121.162,66. Assim, recuperou cerca de 2,6 mil pontos nas últimas duas sessões, passando a acumular ganho de 0,73% nesta abertura de 2025. Ao fim de quatro pregões, compensou duas baixas com duas altas no intervalo. Na semana, o Ibovespa avança 2,22%. O giro financeiro desta terça-feira ficou em R\$ 21,1 bilhões.

Embora um pouco contido em direção ao fechamento, o bom desempenho nesta segunda sessão da semana foi assegurado por Petrobras (ON +2,80%, PN +2,13%) e pelas ações de grandes bancos, como

Bradesco (ON +1,15%, PN +1,40%) e Santander (Unit +1,54%), em dia negativo para a ação de maior peso no índice, Vale (ON -0,97%). Na ponta vencedora do Ibovespa, Hapvida (+9,17%), Automob (+6,06%) e Carrefour (+5,31%). No lado oposto,

CSN Mineração (-3,96%), Raia Drogasil (-2,56%) e Azul (-2,33%).

“Vindo de quatro semanas de perdas, o Ibovespa emendou agora dois ganhos diários, favorecido pela queda do dólar e por certa acomodação na curva de juros doméstica, as duas prin-

cipais variáveis para ajustes da Bolsa. A entrevista do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, à GloboNews não fez preço nos ativos, mas houve um ponto positivo, ao mencionar que o governo precisa se comunicar melhor, sendo mais coerente e resolutivo na comunicação, algo que vinha sendo criticado pelo mercado”, diz Felipe Papini, sócio da One Investimentos.

Contudo, a falta de novidades em relação a medidas adicionais de ajuste fiscal decepcionou em parte o mercado, limitando a alta do Ibovespa – acima de 1% mais cedo como também no fechamento de ontem – e resultando em certa convergência do dólar para a estabilidade em direção ao fechamento do dia.

O avanço acima de 2% nas ações de Petrobras foi favorecido também, nesta terça-feira, por possíveis parcerias para a produção de biometano,

Após correção, futuros voltam a subir

Os juros futuros fecharam a terça-feira (7), entre estabilidade e leve alta. O mercado conseguiu esticar o movimento de correção visto desde quinta-feira até meados da tarde, quando, então as taxas passaram a subir. O ajuste técnico promovido nos últimos dias já vinha perdendo fôlego e se esvaiu na segunda etapa quando o dólar, que ajudava a segurar as taxas em baixa, reduziu a queda. Assim, o cenário fiscal preo-

cupante e o cenário externo adverso voltaram a prevalecer. Nos EUA, os rendimentos dos Treasuries avançaram, em meio a indicadores da economia, além de declarações de Trump.

A taxa do contrato de Depósito Interfinanceiro (DI) para janeiro de 2026 fechou a 14,99%, de 15,00% ontem no ajuste, e a do DI para janeiro de 2027 subiu de 15,37% para 15,39%. O DI para janeiro de 2029 terminou com taxa de

15,19% (de 15,11% ontem).

Após encerrarem 2024 em níveis considerados extremamente elevados, os juros passaram por um corte de excesso nos prêmios nas primeiras sessões de 2025, muito com a ajuda do câmbio, mas hoje esse movimento parece ter encontrado um limite. No decorrer do pregão, o recuo do dólar, que nas mínimas chegou a R\$ 6,05, ajudava a sustentar as taxas futuras em queda, se

contrapondo à pressão de alta vinda dos Treasuries. A moeda americana, porém, diminuiu a baixa e chegou a ensaiar uma virada.

“O dólar subiu um pouquinho, o movimento natural de final de dia, e as taxas reagiram a isso. Já seria esperado juros subirem com as taxas nos Estados Unidos subindo também”, relata o estrategista-chefe da Monte Bravo, Alexandre Mathias.